

A GRANDE NOITE DE VLADIMIR

CONTERRÂNEOS VELHOS DE GUERRA, O ÚLTIMO FILME DE VLADIMIR CARVALHO, É RECEBIDO COM APLAUSOS CALOROSOS EM GRAMADO

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO
ENVIADA ESPECIAL

Gramado — O filme *Conterrâneos Velhos de Guerra*, de Vladimir Carvalho, exibido na terceira noite da mostra competitiva do Festival de Gramado, recebeu aplausos calorosos do público que lotou o Cine Embaixador e resistiu aos seus 167 minutos de duração. Ao final da sessão, o cineasta paraibano-brasiliense deu autógrafos e recebeu centenas de abraços. Um dos mais calorosos veio da atriz mexicana Ana Ofélia Murgía, a protagonista de *Mi Querido Tom Mix*.

O estudante Leonardo della Pasqua, 17 anos, colheu autógrafa de Vladimir na página do catálogo dedicada ao filme e justificou sua atitude: "Estou muito impressionado. Nunca tinha ouvido falar das histórias que este filme conta. Gostei da atenção e do tratamento dado a o p o v o , colocando-o em primeiro plano, no papel de verdadeiro construtor do País". O estudante, que se define como "não muito politizado", admite "ter-se cansado em alguns momentos, perdendo um pouco da concentração", mas, logo em seguida, "ficava impressionado pela força da narrativa e pelas revelações que ela trazia".

O professor Francisco Araújo, que fundou na UnB o curso de História em Quadrinho e hoje atua na ECA/USP, assistiu, com entusiasmo ao filme de Vladimir. Só fez uma restrição: "Um enxugamento em algumas seqüências poderia transformá-lo numa obra ainda mais forte e densa". E como viveu durante seis anos em Brasília, onde conheceu o embaixador Vladimir Murtinho, ponderou: "O Vladimir podia ter poupado o embaixador, uma pessoa tão alegre e simpática".

A seqüência a que se refere Araújo é uma das melhores do filme. Murtinho passeia pelo Lago Paranoá, de barco, e defende a conclusão da Ponte Costa e Silva com argumentos incríveis: "Trata-se do primeiro equipamento urbano puramente estético da cidade", "é uma ponte ecológica, que terá a leveza de uma garça", "depois de concluída, ela me levará ao Itamaraty em oito minutos e ao Palácio do Buriti (o embaixador era, então, secretário de Educação e Cultura) em dez minutos". O tom das imagens nasce de uma feliz mistura de *Outubro*, de Eisenstein, com *A Doce Vida*, de Fellini.

Os críticos receberam *Conterrâneos Velhos de Guerra* com entusias-



O cineasta Vladimir Carvalho é flagrado com um exemplar do *Jornal de Brasília* na viagem de ônibus entre Porto Alegre e Gramado, sábado último, ao lado da jornalista Susana Schild

mo. Até Amir Labaki, da *Folha de S. Paulo*, que faz grandes restrições à montagem de Eduardo Leone (seu ex-professor na ECA-USP), atribui três estrelas ao filme.

Grande noite — Vladimir Carvalho viveu, em Gramado, sua grande noite. Ele subiu ao palco na companhia dos fotógrafos Fernando Duarte e Alberto Cavalcanti, e do montador Eduardo Leone. Usou o microfone (com o brilho costumeiro) para falar de sua paixão pelo cinema documentário e por seus conterrâneos nordestinos, os construtores de Brasília.

Ao longo da sessão, pouca gente deixou o Cine Embaixador. A grande maioria resistiu — e bem — à maratona de quase três horas desta "epopéia candanga". Para respaldar sua convicção de que "o filme está pronto e não será enxugado em um fotograma sequer", Vladimir narrou fato que lhe parece muito significativo: "O pesquisador P. F. Gastal, fundador do Festival de Gramado, de 70 anos, me havia avisado que não assistiria ao filme inteiro por estar com a saúde abalada. O faria em Porto Alegre, na Sala Paulo Amorim, quando melhorasse. Entrou para o cinema apenas para ver um trecho do filme. Ficou, porém, tão envolvido, que o assistiu inteiro".

Não adianta insistir, nem argumentar que o filme pode ter melhor desempenho no mercado comercial com uma versão reduzida. Vladimir, como seus conterrâneos, é teimoso. E convicto. Fez o filme de sua vida. A ele dedicou 20 anos de trabalho, sendo três na moviola, ao lado de Eduardo Leone. Ama com paixão nordestina cada um de seus fotogramas.

Eduardo Leone, o montador, defende o filme como está. Ele, que fez da edição das 60 horas de material bruto (que Vladimir colheu ao longo de duas décadas) um trabalho de pesquisa acadêmica na ECA-USP, respeita a vontade do cineasta. "Este filme" — garante — "foi desenhado, fotograma por fotograma, pelo Vladimir. Na sala da moviola, tínhamos desenhos onde esboçava cada seqüência". Com a intenção de realizar uma *opéra* (opéra épica), o cineasta e o montador pesquisaram juntos a trilha musical que pontua as diversas "árias" do filme. As *Walquirias*, de Wagner, fazem fundo grandiloquente para as trágicas imagens do Lixão, da invasão policial (com helicóptero) da Favela da 110 Norte e do chamado Badernaço; *Nabuco*, de Verdi, banha as denúncias do médico Gustavo Ribeiro sobre a

ocultação de surto de meningite que atormentou a cidade nos anos Médici; *Valsa do Imperador*, de Straus, cria o clima de ócio burguês na seqüência da Ponte protagonizada por Murtinho; e *Pompa e Circunstância*, de Elger, pontua imagens de um impressionante desfile de 7 de Setembro, comandado com pose prussiana pelo general Geisel. "A este material" — conta Leone — "contraponemos com a música popular: Salmos de Elger (*Pompa e Circunstância*) para o *Abre Alas* da Chiquinha Gonzaga, pois ambas têm estrutura de marcha ligeira".

A montagem do filme, que durou três anos, começou com a análise do material bruto. "Das 60 horas originais" — conta Leone — "retiramos 12, depois de um ano e meio de trabalho. O outro ano e meio foi consumido na busca do formato final, ou seja, de suas duas horas e 47 minutos. Vladimir sabia exatamente o que queria, qual era o momento para se respirar e que imagens de ligação se faziam necessárias".

Eduardo Leone se define, na história do filme, como "um maestro, um orquestrador". Ou seja, "o executante de uma peça criada pelo compositor Vladimir Carvalho".

Conterrâneos soma imagens de seis fotógrafos (além de Duarte e Cavalcanti: Marcelo Coutinho, David Penington, Jacques Cheuiche, Walter Carvalho e Waldir de Pina). Com ampliação do 16 para o 35 milímetros, muitas imagens chegam à tela granulada. Daí que o filme resulta, visualmente, desigual. Há seqüências de alta densidade poético-imagística (como a da Ponte Costa e Silva, a do resgate de corpos nas escavações do Banco Central, a subida da estátua de JK ao pedestal em forma de foice do Memorial, etc). Mas há outras de baixa qualidade (vários depoimentos e, em especial, as muitas inserções de Teodoro do Bumba-Meu-Boi).

Leone pondera que "um documentário é feito no calor da hora, com filme vencido ou não, com o material que se tem à mão". Quem o constrói são os fatos, é a História".

Os brasilienses que não viram *Conterrâneos* em 1990, quando ganhou os principais prêmios do Festival de Brasília (16 mm), vão ter que esperar mais um pouco. O filme só será exibido (em 35 milímetros) na noite de encerramento do próximo Festival de Brasília, dia 14 de outubro.

A simpatia da mexicana Ana Ofélia

Divulgação

O Festival de Gramado conseguiu, milagrosamente, promover um encontro de grandes atrizes ibero-americanas. Estão no páreo a venezuelana Amalia Perez Dias, as espanholas Marisa Paredes e Victoria Abril, e a mexicana Ana Ofélia Murgía. Aos 58 anos, Ofélia passela por Gramado derramando simpatia. Ela se define como "uma atriz de teatro que já fez 35 filmes". Nunca, porém, interpretou um papel tão apaixonante. "A velha Joaquina, fã de Tom Mix, me tomou, me encheu de ternura".

Ela não conhecia o Brasil. Confessa que esperava "um país quente, com muito samba e barulho". Encontrou, em Gramado, "uma pequena Suíça, fria, muito fria". Veja — mostra seu pesado agasalho com gola de pele — "ao invés de um gostoso vestido de verão, estou toda embrulhada". Mesmo assim, está adorando o País e só lamenta que "compromissos profissionais (a estréla de uma peça infanto-juvenil) e pouca disponibilidade financeira" a obriguem a regressar ao México, semana que vem. Antes, porém, avisa, "quero ver o Rio de Janeiro". E mais: "Adoraria, conhecer o



Ana Ofélia em *Meu Querido Tom Mix*

Rio Amazonas".

Com alegria, ela conta que "Gabriel García Márquez gostou muito de *Mi Querido Tom Mix*". E que — "segredo" — o filho dele, Ricardo, é o fotógrafo da película. "Só que assina apenas Ricardo García, para não sucumbir, profissionalmente, ao peso do nome do pai".

Mi Querido Tom Mix ainda não foi lançado no mercado comercial mexicano. A atriz confessa que "o mercado lá anda difícil. Só os filmes americanos conseguem bons circuitos e grandes lançamentos". Torce, porém, pelo êxito desta película que adorou fazer. (MRC)

FLASHES

■ Anselmo Duarte recebeu, na noite de terça-feira, o Prêmio Oscarito, das mãos do diretor-regional da Fundação Banco do Brasil, Amário Theobaldo Mombach, e da atriz Norma Bengell. Emocionado, lembrou seu amigo Oscarito, parceiro em muitos filmes da Atlântida. E desceu do palco sob ovação do público que o recebeu de pé.

■ O curta *Pornografia*, de Murilo Salles e Sandra Werneck, será exibido hoje, fora de competição, no Festival de Gramado. Vai causar sensação. Afinal, para descrever audiovisualmente a história cultural do Brasil Novo, o filme, de apenas seis minutos, lançou mão de ato sexual, pontuado pelos acordes do Hino Nacional. *Pornografia* será exibido no intervalo entre *La Frontera*, de Ricardo Larrain, e *Tacones Lejanos*, de amodóvar. Sintam só o que prometem Murilo e Sandra: "Um filme-manifesto, um desabafo contra a execução sumária do Cinema Brasileiro. Simples, direto: sexo explícito. Pura performance. Curto, cru e nosso. Uma pancada na razão cínica. Filme-síntese. É o troco. Coisa de cineasta indignado".

■ A barra financeira anda tão a perigo, que o Chez Pierre, a mais famosa casa de *fondue* da cidade (com lareira e jazz de fundo musical), outra disputada com filas, recebeu na noite de domingo, depois da exibição dos longos venezuelano e peruano, apenas nove pessoas. Nos anos de vacas gordas, chegava a receber 50 apreciadores de seu inigualável *fondue*. É a crise.

Paulo Cabral



Anselmo Duarte recebe o Prêmio Oscarito